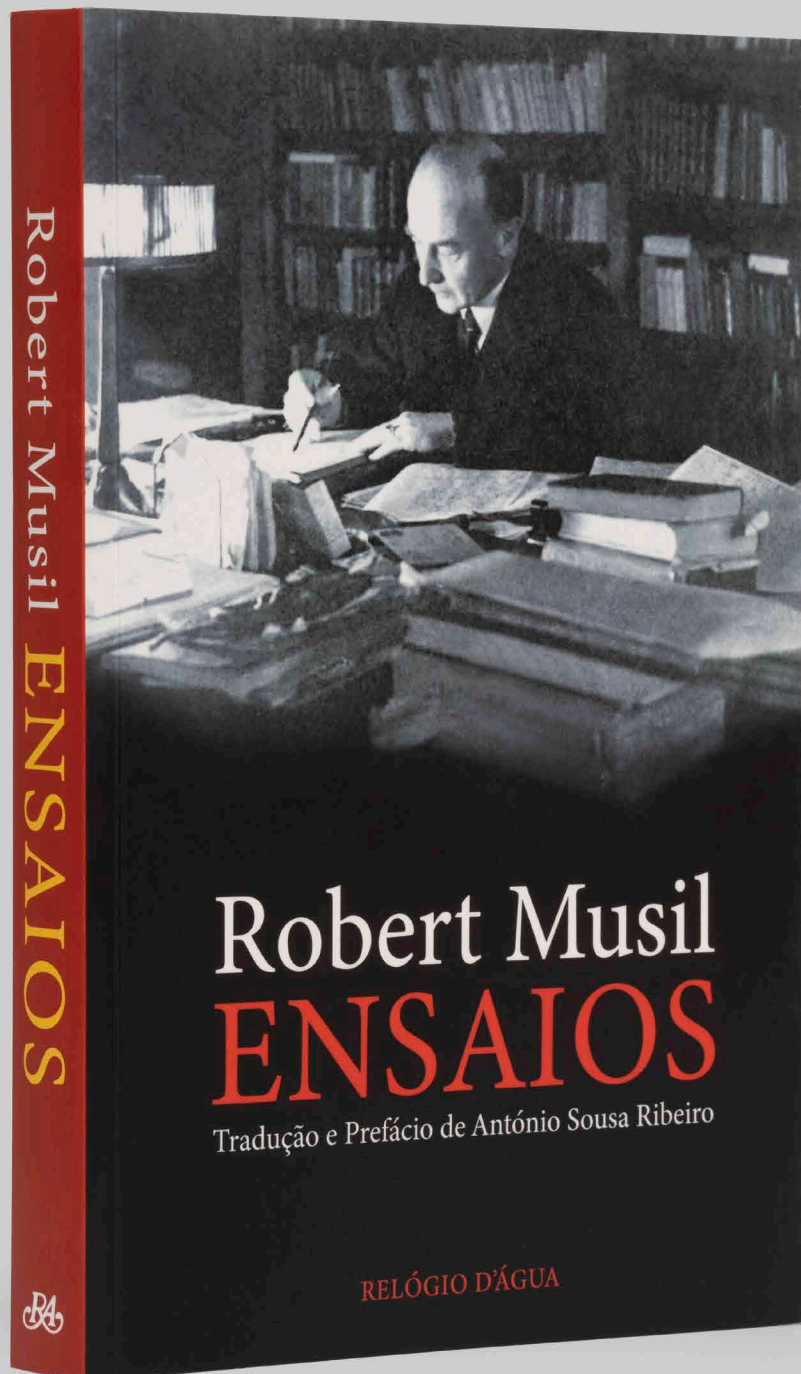


Nélio Conceição

Robert Musil, a agulha e o tecido de uma época



Robert Musil, *Ensaio*, Tradução e Prefácio de António Sousa Ribeiro, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2023, 312 pp.

Os *Ensaio*s de Robert Musil, recentemente traduzidos em português, são, no mais alto grau, configurações de uma época que talvez só recentemente tenha chegado ao momento da sua legibilidade. Nélio Conceição, investigador do Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, faz deles uma leitura que os ilumina no seu longo alcance.

Abrangendo um período que vai de 1911 a 1937, este volume de ensaios de Robert Musil dá acesso a um tecido cultural no qual as matrizes clássicas europeias são colocadas em tensão com algumas das principais tarefas do escritor moderno: «travar conhecimento com a sua época» e «fazer explodir a sua época», lê-se em «O conto do alfaiate» (1923). Os explosivos de Musil são a mordacidade, a inteligência e o espírito livre. A sua época gravita em torno das duas Grandes Guerras. Os seus temas de análise podem ser agrupados em dois blocos: um literário e estético, cobrindo a sua própria literatura e a dos outros, bem como a pintura e o cinema; e um outro mais próximo de questões sociais, políticas e morais, incidindo sobre a guerra, a moda, a mulher moderna, a situação austríaca ou noções tão variadas como raça, nação ou estupidez. Desta variedade desponta a capacidade de Musil para esmiuçar as mudanças, as contradições e os impasses da época.

Através de Ulrich, o protagonista de *O Homem sem Qualidades*, Musil equaciona a passagem de um «viver hipoteticamente» para um ensaísmo humano: se o ensaio, «no desenvolvimento das suas partes, explora as muitas facetas de um objecto sem nunca o abarcar totalmente», o mundo e a própria vida podem ser tratados como símiles do ensaio. Distinguindo-se dos filósofos que tendem a dominar o mundo encerrando-o num sistema, o ensaísta não se restringe, contudo, a uma convicção provisória, mas procura de forma utópica a «configuração única e imutável que a vida interior de um homem assume num pensamento decisivo».

Vários ensaios convocam a oposição entre os neologismos «racióide» (*ratioide*) e «não-racióide» (*nicht-ratioide*), que correspondem a duas formas de conhecimento. O primeiro caracteriza o conhecimento científico, a subserviência em relação aos factos e a tudo o que pode ser ordenado segundo pontos fixos, domínio ao qual escapa a natureza moral do ser humano. O domínio não-racióide é descrito em «Esboço do conhecimento do escritor» (1918) como aquele onde predominam os valores e as valorações, as relações éticas e estéticas, as *ideias* que mantêm o carácter infinito e incalculável das relações entre os factos. É o domínio do escritor. Algumas passagens dos primeiros textos apontam para o coração pulsante deste domínio. Em «O obscuro e o patológico na arte» (1911): «Amar alguma coisa como artista significa, assim, estar abalado, não pelo seu valor ou falta de valor em termos absolutos, mas por um aspecto que, de repente, nela se descobre.» Já em «Sobre

os livros de Robert Musil» (1913), desconcertante diálogo de um escritor-Musil com o seu próprio cérebro, a força narrativa do romance é remetida para a «vibração do caso singular» que faz despertar um meio-termo entre conceptualização e concretude. Walter Benjamin, que estimava a concretude, desinteressara-se de *O Homem sem Qualidades* por achar que Musil era mais inteligente do que precisava. A observação é perspicaz, mas talvez seja parcial. Trata-se, é certo, de um escritor cerebral, mas o abalo dos aspectos e a vibração do caso singular, afins do perspectivismo de Nietzsche, trazem o cunho da vida.

«Elementos de uma nova estética. Considerações sobre uma dramaturgia do cinema» (1925) parte do cinema e dos escritos de Bela Balázs, mas transcende-os para compor a reflexão estética mais elaborada de entre todos estes ensaios. O carácter simbólico do cinema e a sua impressão fisionómica têm o potencial de fazer explodir a vivência normal, fomentando, tal como toda a arte, uma experiência «extraconceptual entre o ser humano e o mundo», um «outro estado» que tem afinidades com a experiência mística, mas não se confunde com ela. «Análise e síntese» (1913) trata da complementaridade entre os dois termos no que toca à actividade dos literatos, que são acusados de encontrarem pseudojustificações para se furtarem ao trabalho analítico, em particular no que toca à concepção de símiles, analogias ou comparações. Estas três noções podem servir de tradução para *Gleichnis*, e o tradutor optou por «comparação». Goethe, num texto com o mesmo título, mas relativo aos princípios científicos do século XIX, também defende a complementaridade entre a análise e a síntese.

A excelente tradução de António Sousa Ribeiro acompanha o humor e a riqueza das imagens de Musil, e também o ritmo por vezes torrencial de uma escrita que, seguindo as variações do pensamento, evita convicções estanques e recorre amiúde à auto-ironia como antídoto contra o pretensiosismo eloquente. Afinal, como nos ensina o último ensaio do volume, a modéstia é o melhor remédio contra a estupidez. Os ensaios têm também muito corpo, o fisiológico que inerva as analogias, e também o desportivo: Musil praticou ténis, esgrima, ginástica, natação... E só um desportista poderia falar de forma tão diligente quer sobre as virtudes psico-motoras do desporto, quer sobre a sua relação com o espectáculo e os valores do mercado. Com formação inicial em engenharia mecânica, em Brno, Musil viveria muitos anos em Berlim, onde concluiu o seu doutoramento sobre Ernst Mach. Contudo, é Viena, cidade sujeita às convulsões do eixo austro-alemão, o cenário maior onde ensaia a sua época e as provações do espírito europeu. «O que é isso afinal, "o espírito"?», pergunta no final de «Reflexões de um homem de compreensão lenta» (1933), depois de criticar a «revolucionária "renovação do espírito alemão"», a sua apropriação da nietzschiana «transvaloração de todos os valores», o seu apelo à raça, ao «chão» da cultura, à «relação romântica com o passado» e demais mitologizações. Musil abstém-se de definir «o espírito», mas os ensaios permitem relacioná-lo com a *Bildung* alemã e com uma dimensão

supra-individual que é a condição de auto-realização dos indivíduos.

Um desvio pelo livro *De l'Esprit*, de Jacques Derrida, permite compreender esta questão de uma outra perspectiva: por um lado, o «espírito» implica questões de linguagem e a complexa tradução do *Geist* alemão; por outro lado, Derrida analisa a associação entre espírito do povo e decisão política a partir do discurso «A auto-afirmação da universidade alemã», proferido por Martin Heidegger em 1933, na Universidade de Friburgo, já depois da subida ao poder do partido nazi. Musil não menciona Heidegger, mas as mobilizações do espírito, recuperadas hoje pelos partidos populistas, racistas e xenófobos por via do «nós» étnico-identitário ou da mitologia das «pessoas de bem», são o seu alvo.

Tal como o conceito de espírito, também o de cultura se tornava problemático. «Espírito e experiência. Notas para leitores que escaparam ao declínio do Ocidente» (1921) procura mostrar como a forma de pensar de Oswald Spengler em *O Declínio do Ocidente* é errada, sobretudo nos aspectos em que é típico e superficial, perdendo de vista a complexidade dos factos. Os erros de Spengler são os erros da sua época. Neste contexto, a distinção de Musil entre cultura e civilização mantém uma grande força sintética:

O melhor é dizer cultura quando domina uma ideologia e uma forma de vida ainda homogénea, e, em contrapartida, definir civilização como um estado em que a cultura se tornou difusa. Toda a civilização foi precedida por uma cultura que se desfaz nela; toda a civilização está marcada por um certo domínio técnico da natureza e por um sistema de relações sociais muito complexo, a exigir muita inteligência, mas também a engoli-la.

Para Musil, a passagem da cultura à civilização está ligada ao crescimento do número de pessoas que compõem as sociedades modernas, e as suas considerações sobre a democracia e os movimentos colectivos vão de par com a constatação de que a época padece de «uma organização espiritual [que] não acompanha o crescimento em números». Daí a necessidade de uma «política de organização do espírito», de uma orientação de trabalho que superasse a luta inglória «entre o pensamento científico e as exigências da alma». A procura dessa organização é a força motriz tanto dos ensaios quanto de *O Homem sem Qualidades*. Mas essa força não invalida o tom de ocaso que percorre os últimos ensaios, apesar da esperançosa invocação de Wilhelm von Humboldt e da «grande individualidade como uma força espiritual», em «O escritor no tempo presente» (1934), escrito poderoso, mas que antecipa também alguma incompreensão face ao carácter apolítico das intervenções de Musil. «Anarquista conservador», rejeitava o fascismo e o comunismo, e desconfiava das várias formas de comunitarismo.

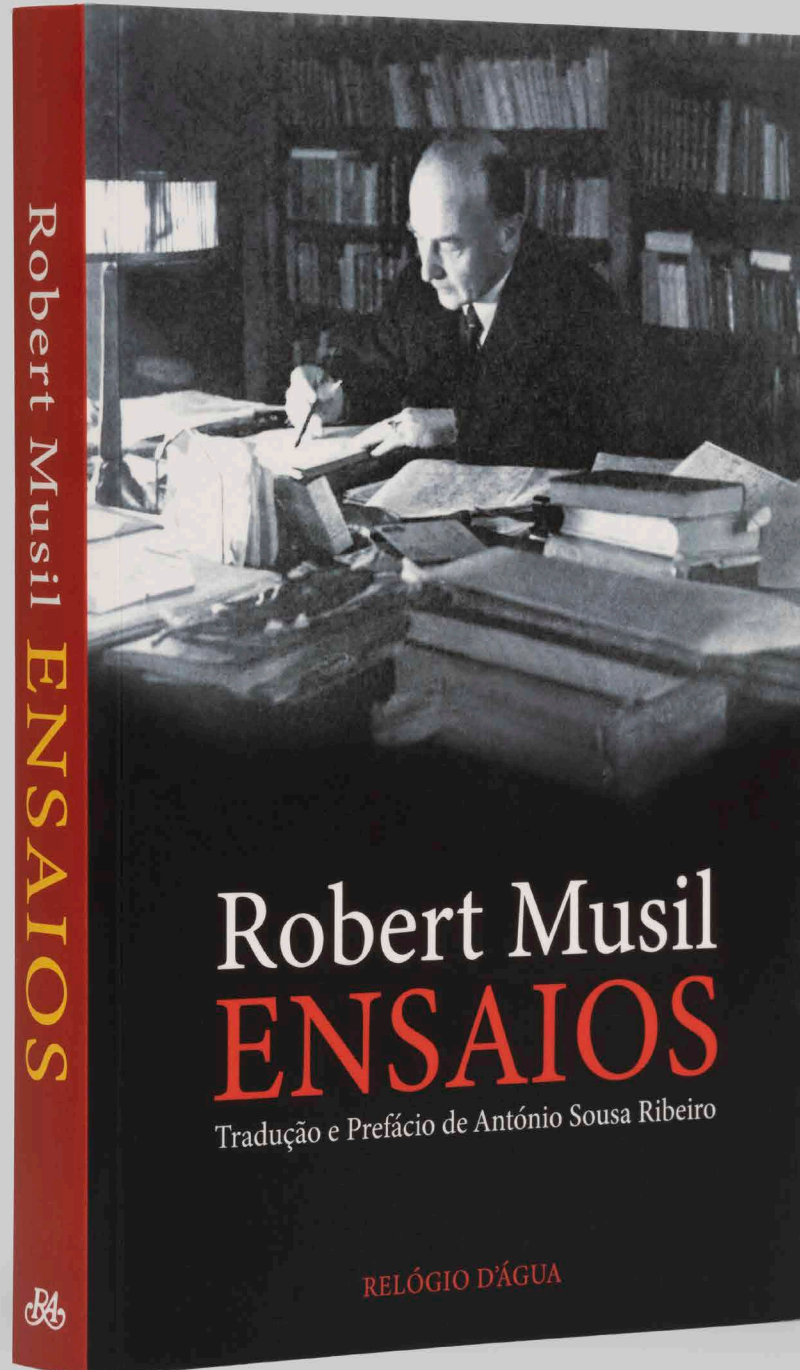
É sabido que, regra geral, os escritores precisam de se fechar para tecerem nas suas cabeças as tramas com que apaziguam o caos. O carácter apolítico de Musil parece

brotar também desta necessidade. Regressemos a «O conto do alfaiate», que começa com a parábola de um alfaiate que se apresenta perante o juiz expressando o desejo, não atendido, de ficar para sempre na prisão. O restante texto, escrito na primeira pessoa, é a história de um escritor que trabalhara a vida inteira numa bomba com a qual queria fazer explodir a sua época. Rolando com a bomba pela Avenida 12 de Novembro (data da dissolução do Império Austro-Húngaro, em 1918), o escritor é apanhado pela Polícia. Perante o juiz, confessa que nunca fizera dinheiro, facto que o leva para a prisão. Aí vive «num conto de fadas de organização». É um trabalho de alfaiate. Não sendo propriamente um ensaio, compreende-se a inclusão deste conto no volume. Musil fala de si, da sua vida precária, mas também do seu símile da alma-agulha, que pressupõe uma atenção dupla, interior e exterior, e um trabalho sobre a experiência vivida e a variedade fenoménica da época.

Musil aproximou o romance do ensaio como exercício de atenção ao seu próprio tempo. Tarefa sempre sujeita à incompreensão, por discordância ideológica ou pelas torções que o desajuste entre espírito e linguagem provocam no acesso ao mundo. Na sua justeza em ocaso, estes ensaios são, ironicamente, um testemunho desse desajuste. O que eles têm a dizer à nossa época surgirá menos da aproximação entre os alvares da Segunda Guerra Mundial e o nosso desnorte contemporâneo, e mais do nosso mergulho, com estilo próprio, nos paradoxos do tempo histórico e nos desajustes da linguagem.

Nélio Conceição

Robert Musil, *The Needle and the Fabric of an Era*



Robert Musil, *Ensaaios*, translation and preface by António Sousa Ribeiro, Lisbon: Relógio D'Água Editores, 2023, 312 pp. [*Precision and Soul: Essay and Addresses*, edited and translated by Burton Pike and David S. Luft, Chicago: The University of Chicago Press, 1990].

Robert Musil's essays, recently translated into Portuguese under the title *Ensaíos* [Essays], are the perfect embodiment of an era of which we have only recently perhaps been able to make sense. Nélio Conceição, a researcher at the Institute of Philosophy at NOVA University Lisbon, sheds light on their wide scope.

Covering a period stretching from 1911 to 1937, this volume of essays by Robert Musil introduces us to a cultural fabric in which classical European structures are placed in conflict with some of the main tasks of the modern writer, as one reads in 'The Tailor' (1923): 'to engage with one's time' and 'to blow up one's era'. Musil's explosives are acerbity, intelligence and a free spirit and his era that surrounding the two world wars. His subjects of analysis can be split into two groups: literary and aesthetic topics, covering his own literature and that of others, as well as painting and cinema; and subjects relating to social, political and moral questions, focusing on war, fashion, the modern woman, the Austrian situation and ideas as varied as race, nation and stupidity. Out of this variety of themes emerges Musil's ability to scrutinise the changes, contradictions and deadlocks of his time.

Through Ulrich, the main character in *The Man Without Qualities*, Musil equates the shift from 'living hypothetically' with human essayism: if the essay, 'in developing its components, examines the many aspects of an object without ever completely embracing it', the world and life itself can be regarded as similes for the essay. Distinguishing himself from philosophers, who try to master the world by enclosing it within a system, the essayist does not restrict himself, however, to a provisional conviction; instead, he seeks, in a utopian manner, 'the unique and unalterable form that a man's inner life assumes in a decisive thought'.

Various essays examine the conflict between the neologisms 'ratioid' (*ratioide*) and 'nonratioid' (*nicht-ratioide*), which correspond to two forms of knowledge. The former characterises scientific knowledge, subservience to facts and everything that can be ordered according to fixed points, a domain which man's moral nature recoils from. The nonratioid realm is described in 'Sketch of What the Writer Knows' (1918) as that where the values and valuations, ethical and aesthetic relations, the *ideas* that maintain the infinite and incalculable character of the relations between facts prevail. It is the realm of the writer. Some passages in these early essays point to the pulsing heart of this domain. In 'The Obscene and Pathological in Art' (1911), 'to love something as an artist, therefore, means to be shaken not by its value or lack of value, but by a side of it that suddenly opens up.' In 'On Robert Musil's Books' (1913), a disconcerting dialogue between Musil the writer and his own brain, the novel's narrative force is referred to as the 'vibrating haze of strange bodies' that gives rise

to something between the terms of conceptual and concrete. Walter Benjamin, who esteemed the concrete, was uninterested in *The Man without Qualities*, because he thought Musil had been smarter than he had to be. The observation is insightful, but perhaps incomplete. He is certainly a cerebral writer, but shaking the sides and the vibrating haze of strange bodies, associated with Nietzsche's perspectivism, are what make life what it is.

'Toward a New Aesthetic' (1925) is based on cinema and the writings of Bela Balázs, which it transcends to create the most elaborate aesthetic rumination of all the essays. The symbolic nature of cinema and its physiognomic impression has the potential to make ordinary experience explode, fostering, like all art, an 'extraconceptual correspondence of the human being with the world', an 'other condition' which is akin to a mystical experience but must not be confused with it. 'Literati and Literature' (1931) deals with the complementarity of analysis and synthesis with regard to the activity of the literati, who are accused of finding pseudo-justification for hiding away from analytical work, in particular as regards the conceiving of similes, analogies and comparisons. All three of these terms can be used to translate *Gleichnis*, with the latter being preferred by the translator. Goethe, in an essay on 19th century scientific principles, also defends the complementarity of analysis and synthesis.

António Sousa Ribeiro's excellent translation catches the humour and richness of Musil's images and his, at times, torrential pace of writing, which, following his varied thoughts, avoids watertight convictions and frequently resorts to self-irony as an antidote to eloquent pretentiousness. After all, as the last essay in the volume notes, modesty is the best remedy for stupidity. There is also much about the body in the essays, the physiological aspect that energises the analogies, and sport: Musil was a regular tennis player, fencer, gymnast and swimmer... Only a sportsman could speak so diligently about both the psychomotor virtues of sport and its relationship to entertainment and market values. Having initially studied mechanical engineering in Brno, Musil would spend many years living in Berlin, where he completed his doctorate on Ernst Mach. However, it was Vienna, a city subject to the turmoil of the Austro-German axis, that was the main backdrop for the events of his age and the trials of the European spirit. He asks what this spirit is at the end of 'Ruminations of a Slow-witted Man' (1933), after criticising the 'revolutionary renewal of German culture', its appropriation of Nietzsche's 'transvaluation of all values' and its appeal to race, the 'ground' of culture, the 'romantic relationship with the past' and other examples of mythmaking. Musil abstains from defining 'the spirit', but through the essays we can tie it to the German *Bildung* and a supra-individual dimension that is the condition of an individual's self-realisation.

A digression on Jacques Derrida's book *Of Spirit: Heidegger and the Question* reveals this matter from a different perspective. On the one hand, 'spirit' entails questions

of language and the complex translation of the German word *Geist*; on the other, Derrida analyses the association between the folk spirit and political decision-making based on 'The Self-Assertion of the German University', Martin Heidegger's 1933 address at the University of Freiburg after the Nazi party had already risen to power. Musil does not mention Heidegger, but his target is the mobilisation of the spirit, revived today by populist, racist and xenophobic parties via identification with a certain ethnic group or the mythology of the 'right people'.

Like the concept of spirit, that of culture also became problematic. 'Mind and Experience' (1921) attempts to show how Oswald Spengler's way of thinking in *Decline of the West* is wrong, above all in those aspects where it is typical and superficial, losing the complexity of the facts from sight. Spengler's mistakes are those of his era. Therefore, Musil's distinction between culture and civilisation retains great synthetic force:

... it is best to say culture where a single ideology reigns and a form of life is still coherent, and to define civilisation, on the other hand, as a cultural situation that has become diffuse. Every civilisation is preceded by a culture, which decays it. Every civilisation is characterised by a certain technical mastery over nature and a very complicated system of social relations, one that requires a great deal of intelligence, but also devours.

For Musil, the shift from culture to civilisation is linked to the growth in the population of modern societies, and his thoughts about democracy and collective movements match the statement that the era suffers 'a spiritual organisation [that] cannot keep up with the growth in the number of people'. Hence the need for a 'policy of spiritual organisation', an orienting of work to triumph in the inglorious battle 'between scientific thinking and the claims of the soul'. The search for this organisation is the driving force behind both the essays and *The Man Without Qualities*. However, this force does not invalidate the tone of decline that runs through the final essays, despite Wilhelm von Humboldt's hopeful invocation and 'great individuality as a power of the spirit' in 'The Serious Writer in Our Time' (1934), a powerful piece of writing which also foresees a certain lack of comprehension given the apolitical nature of Musil's ideas. A 'conservative anarchist', he rejected fascism and communism, and distrusted the various forms of communitarianism.

In general, we know that writers need to close themselves off in order to weave the webs in their heads with which to calm the chaos. Musil's apolitical nature also seems to spring from this need. Returning to 'The Tailor', which begins with the parable of a tailor who stands before a judge and expresses his – unfulfilled – desire to remain in prison forever, the essay is written in the first person singular and is the tale of a writer who had worked his entire life on a bomb with which he wanted to blow up the era in which

he lived. Rolling the bomb along 12 November Avenue (date of the collapse of the Austro-Hungarian Empire in 1918), the writer is caught by the police. Standing before the judge, he confesses that he had never made any money, which had led to his imprisonment. There, he lived 'in a fairy tale of organisation', as if the work of a tailor. Although not exactly an essay, the story's inclusion in the volume is understandable. Musil is speaking about himself, about his precarious life, but also about *his* simile for the penetrating soul, which presupposes a dual, interior and exterior, attention to detail and a work on the lived experience and the range of phenomena that marked his age. Musil brought the novel and the essay closer together as an exercise in drawing attention to his era. It was a task constantly subject to miscomprehension, due to ideological disagreement or the distortions that the mismatch between spirit and language provoke in accessing the world. In their ageing precision, these essays are, ironically, a testimony to this mismatch. What they have to tell our age has less to do with the similarities between the dawn of World War II and our current disorientation and more to do with our delving, in a style of our own, into the paradoxes of historical time and the mismatches in language.



Robert Musil, nascido em 6 de Novembro de 1880 em Klagenfurt, na Áustria, é um dos autores mais importantes do modernismo europeu. A par de Kafka, Joyce ou Proust, foi um dos renovadores mais salientes da prosa literária nas primeiras décadas do século XX. O seu romance inacabado *O Homem sem Qualidades*, um monumental retrato satírico do ocaso do Império Austro-Húngaro e, por extensão, da Europa nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, constitui um exemplo da forma moderna do romance ensaístico.

Filho de um engenheiro e professor universitário, Musil começou por estudar Engenharia Mecânica na Universidade de Brünn (Brno), completando o curso em Julho de 1901. A formação técnico-científica iria deixar marcas muito visíveis em toda a sua obra.

>